

CORREIO NO MUNDO



Von der Leyen assinará o acordo comercial com Mercosul

Acordo com UE pode começar antes do aval do Parlamento

O acordo comercial entre a União Europeia e o Mercosul, aprovado pelos governos da UE na sexta (9), pode ser aplicado antes da aprovação pelo Parlamento Europeu, afirmou o porta-voz da Comissão Europeia, Olof Gill. "O tratado permite essa possibilidade", disse Gill nesta segunda (12), acrescentando que a Comissão da UE está trabalhando duro para que o acordo seja aprovado pela maioria dos membros do Parlamento. Na sexta, cinco dos 27 países (França, Polônia, Hungria, Irlanda e Áustria) votaram contra, enquanto a Bélgica se absteve. A Itália, como esperado, se uniu à maioria favorável ao pacto. A expectativa é que o Parlamento Europeu se reúna em março para aprovar o texto apoiado pelos embaixadores dos integrantes do bloco europeu.

Assinatura deve ocorrer no dia 17

O Parlamento chegou a validar o tratado em 16 de dezembro, mas ele foi alterado para a inclusão de cláusulas exigidas pela Itália para apoiar o acordo. Os integrantes da UE e do Mercosul esperam que o acordo seja assinado em 17 de janeiro, em Assunção, segundo apuração feita pela reportagem. O acordo entre Mercosul e UE tem potencial de elevar o PIB (Produto Interno Bruto) brasileiro em 0,46% até 2040, o equivalente a US\$ 9,3 bilhões, segundo dados do Ipea.

Reuters/Folhapress



Franceses seguem protestando contra acordo do Mercosul

Novas manifestações na França

O levantamento, feito no início de 2024, aponta que o Brasil teria um ganho relativo maior do que a União Europeia, que seria beneficiada com uma alta de 0,06% no PIB no mesmo período, e demais países do Mercosul (alta de 0,2%).

Nesta segunda, os agricultores da França voltaram a protestar contra o tratado. Eles pararam caminhões no maior porto de contêineres do país e na principal rodovia ao norte de Paris, realizando verificações simbólicas de alimentos importados em protesto contra o acordo comercial.

Medo da "concorrência desleal"

Os manifestantes alegam que o acordo levará à concorrência desleal. "O objetivo principal é soar o alarme novamente e manter a pressão sobre o acordo do Mercosul", afirmou Justin Lemaitre, secretário-geral de uma seção local do sindicato. "É difícil aceitar uma concorrência tão desleal, com produtos que produzimos na Europa sendo importados do outro lado do mundo", disse ele.

Vistos negados

O Departamento de Estado dos Estados Unidos afirmou nesta segunda-feira (12) que revogou mais de 100 mil vistos desde que o presidente Donald Trump voltou à Casa Branca no ano passado, estabelecendo o que chamou de um novo recorde em meio a uma política agressiva de deportações.

Revogações

A extensão das revogações reflete a ampla repressão do governo federal a imigrantes, que conta com batidas de agentes sem identificação em cidades por todo país e a deportação até mesmo de imigrantes com vistos válidos. A gestão Trump também adotou uma política mais rigorosa na concessão de vistos.

Medidas severas

Dentre as medidas estão a verificação de redes sociais e triagem expandida dos candidatos. As quatro principais causas para revogações de vistos foram permanências além do prazo permitido, dirigir sob influência de álcool, agressão e roubo, disse o porta-voz do Departamento de Estado Tommy Pigott.

Comunicado no X

"O Departamento de Estado já revogou mais de 100 mil vistos, incluindo cerca de 8 mil vistos de estudantes e 2.500 vistos especializados para indivíduos abordados por forças de segurança dos EUA por atividade criminosa. Continuaremos a deportar esses bandidos para manter a América segura", disse o departamento no X.

Verificação contínua

O Departamento de Estado também lançou um Centro de Verificação Contínua para assegurar que "todos os estrangeiros em solo americano cumpram nossas leis - e que os vistos daqueles que representam uma ameaça aos cidadãos americanos sejam rapidamente revogados", afirmou Pigott.

Aumento de 150%

As revogações marcaram um aumento de 150% em relação a 2024, segundo ele. Em novembro, o Departamento de Estado disse ter revogado cerca de 80 mil vistos de não imigrantes desde a posse de Trump, em 20 de janeiro de 2025, por infrações que vão desde dirigir sob influência de álcool até agressão e roubo.



Irã encara protestos em momento de caos político e social

Repressão mata mais de 600 em protestos no Irã

Dados foram divulgados pela ONG Iran Human Rights

A ONG Iran Human Rights, com sede na Noruega, afirmou na segunda (12) que pelo menos 648 manifestantes morreram no Irã desde 28 de dezembro, quando começou a atual onda de manifestações contra o regime teocrático do país. "A comunidade internacional tem o dever de proteger os manifestantes civis frente às matanças cometidas pela República Islâmica", declarou o diretor da entidade, Mahmood Amiry Moghaddam, ao informar o novo balanço de mortos levantado pela ONG. A organização afirmou ainda que, "segundo algumas estimativas, mais de 6.000 poderiam ter morrido", mas que o apagão quase total da internet imposto pelas autoridades iranianas durante quatro dias torna "extremamente difícil verificar estes informes de forma independente".

O número é maior do que o divulgado por outra ONG de direitos humanos, a Hrana, sediada nos Estados Unidos. No domingo, a entidade afirmou que as mortes já estão em 538. Desses, há 490 manifestantes e 48 membros de forças de segurança. O número de presos, ainda de acordo com a entidade, já supera 10 mil. Assim como a cifra da Iran Human Rights, não é possível confirmar de forma independente esses números, e o regime até agora não divulgou balanço oficial de vítimas.

Ondas de manifestações normalmente levam a repressão violenta no Irã. A última, em 2022, conhecida como "Mulher, Vida, Liberdade" começou quando Mah-

sa Amini morreu sob custódia do regime após ser detida na capital iraniana por deixar parte do cabelo à mostra sob o véu islâmico.

Os atos não resultaram em uma organização ou liderança consolidada. Mesmo assim, a repressão resultou em 551 mortes, de acordo com a ONG Human Rights Watch, 19.262 prisões, segundo a organização Hrana, e diversas execuções. Se as cifras das entidades estão corretas, a repressão aos atos dos últimos dias já é quase ou mais mortal do que a de 2022, que durou meses.

Segundo Clément Therme, pesquisador associado do Instituto Internacional de Estudos Iranianos, a atual onda de manifestações tem algumas características próprias.

"Este movimento é diferente porque sintetiza todos os movimentos anteriores: revoltas econômicas, revoltas pela igualdade de gênero, revoltas estudantis e revoltas das classes médias, que agora estão sendo desclassificadas", afirma à agência de notícias AFP.

A desestabilização do regime, porém, ainda depende de fatores internos - ou seja, deserções dentro do Exército e fissuras no círculo mais próximo do líder supremo do Irã, o aiatolá Ali Khamenei. "É o abandono do aparato de segurança e a confraternização com os manifestantes" que poderia levar à queda da teocracia, segundo Therme.

"Até que ponto as forças de segurança continuarão a obedecer ordens e a disparar munição real contra as multidões?", questiona.